

USO DE METILFENIDATO POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

METHYLPHENIDATE USE BY UNIVERSITY STUDENTS: A LITERATURE REVIEW

Bianca Caldeira Pereira da Cruz LAET¹
Pedro Henrique Rosa da SILVA²
Priscila Felix dos SANTOS³
Layla Dutra Marinho CABRAL⁴

RESUMO

As recentes mudanças sofridas pela sociedade vêm de encontro com um tema que ganhou repercussão na mídia já há algum tempo, o uso de medicamentos a fim de aprimorar o desempenho cognitivo. Dentre os fármacos utilizados, cabe destacar o metilfenidato, estimulante mais consumido no mundo, que apesar de ser indicado para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), tem se observado o aumento do consumo por pessoas saudáveis. Assim, se faz necessário conhecer o perfil dos usuários, a fim de auxiliar na construção de estratégias no âmbito universitário e fora dele com o objetivo de diminuir e inibir o uso inapropriado. O presente estudo foi realizado através de uma revisão sistemática a partir de publicações de artigos científicos, dando ênfase aos artigos que tratavam sobre o uso de metilfenidato por acadêmicos. Diante do fato de ser um tema moderno e relativamente pouco estudado, conforme critérios estabelecidos foram levantados 13 artigos selecionados, nos quais foi observado que os universitários representam a maior parte dos consumidores de metilfenidato sem prescrição médica. O medicamento é considerado por eles como escape para enfrentar as dificuldades encontradas durante o período acadêmico, porém o uso sem recomendação ou acompanhamento profissional, pode causar danos à saúde maiores que os benefícios oferecidos. O consumo abusivo de medicamentos, e um controle mais rigoroso quanto à comercialização de medicamentos tarjados são pontos importantes a serem abordados dentro das universidades e devem ser pauta de estudos de aprofundamento e tema no contexto das políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: metilfenidato; acadêmicos; medicalização; desempenho acadêmico.

ABSTRACT

The recent changes undergone by society are in line with a topic that has gained media repercussion in the last years, the use of medications to improve cognitive performance. Among the drugs used, has getting emphasis methylphenidate, the most consumed stimulant in the world, which despite being indicated for the treatment of attention deficit hyperactivity disorder (ADHD), an increase in its consumption by healthy people has been observed. Thus, it is necessary to know the profile of users, in order to assist in the construction of strategies within the university and outside it, with the objective of reducing and inhibiting inappropriate use. The present study was carried out through a systematic review from publications of scientific articles, emphasizing articles that dealt with the use of methylphenidate by academics. Given the fact that it is a modern topic and relatively little studied,

¹Farmacêutica graduada pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), e-mail: biaah_caldeira@outlook.com.

²Farmacêutico graduado pela UNIVALE, e-mail: pedro.fr@outlook.com.br.

³Farmacêutica graduada pela UNIVALE, e-mail: priscillafelix@hotmail.com.

⁴Doutorado em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal). Professora da UNIVALE, e-mail: layla.cabral@univale.br.

according to established criteria, 13 selected articles were elected, in which it was observed that university students represent the majority of consumers of methylphenidate without medical prescription. The medication is considered by them as a way out to face the difficulties encountered during the academic period, but its use without professional recommendation or monitoring can cause damage to health greater than the benefits offered by it. The abusive consumption of medicines under control, and a more rigorous control regarding the commercialization of medicines are important points to be addressed within universities and should be the point of in-depth studies and theme in the context of public policies.

KEYWORDS: methylphenidate; academics; medicalization; academic performance.

INTRODUÇÃO

As recentes mudanças sofridas pela sociedade vêm de encontro com um tema que ganhou repercussão na mídia já há algum tempo, o uso de medicamentos por pessoas saudáveis a fim de aprimorar o desempenho cognitivo. Tal prática vem sendo veiculada por filmes e séries nas quais os personagens após o uso de uma simples pílula adquirem capacidade de raciocínio irreal e conseqüentemente conseguem resolver problemas cotidianos com extrema agilidade e facilidade.

Sabe-se que o meio acadêmico tende a se tornar um ambiente que demanda níveis de dedicação e cada estudante lida e manipula a carga de estresse e cobrança de maneiras diferentes. A constante pressão em relação aos estudos, carreira e vida social, faz com que o esgotamento mental e físico seja frequente, desencadeando a busca por melhora do rendimento acadêmico e concentração por meio do consumo de drogas estimulantes como cafeína ou até medicamentos tarjados como o metilfenidato (CARNEIRO *et al.* 2013).

Segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) o metilfenidato é o estimulante mais consumido no mundo, e apesar de ser um medicamento indicado para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e narcolepsia, tem se observado o aumento de seu consumo por pessoas saudáveis com o objetivo de

melhoramento cognitivo (NASARIO; MATOS, 2022).

É importante refletir, tanto no ambiente acadêmico quanto entre profissionais de saúde, que o uso não prescrito de metilfenidato com fins de melhoria de desempenho acadêmico ou profissional, tem relação com a atual lógica da medicalização, a qual é considerada como o processo de transformação de problemas anteriormente não considerados "médicos" (ou "de saúde") em problemas médicos, e farmacologização (tradução ou transformação de condições, capacidades e potencialidades humanas em oportunidades para intervenções farmacológicas) (CAMARGO JÚNIOR, 2013).

A lógica da medicalização e farmacologização apontam que na sociedade atual as relações entre saúde e sociedade ganham contornos específicos, e o conjunto de interesses em jogo nesses processos podem se mostrar, muitas vezes, contrários ao bem-estar de pessoas e populações (RODRIGUES *et al.* 2021).

Em face ao crescimento excessivo do uso de psicoestimulantes como o metilfenidato por acadêmicos sem prescrição médica, e devido ao número insuficiente de estudos na literatura que justifique seu uso para fins de melhoramento cognitivo dissociado do TDAH, se faz necessário conhecer o perfil dos usuários, bem como levantar dados relacionado ao uso do fármaco a fim de auxiliar na construção de estratégias tanto no âmbito universitário quanto fora dele com o objetivo de inibir do uso irracional/indevido do medicamento.

REVISÃO DA LITERATURA

Metilfenidato e outros estimulantes

O metilfenidato é um fármaco utilizado para estimular o sistema nervoso central por meio da potente inibição da recaptação de dopamina e noradrenalina na fenda sináptica, aumentando seus níveis extracelulares. Sendo assim, o medicamento proporciona elevado nível de alerta e incremento dos mecanismos excitatórios do cérebro, o que resulta em uma melhor concentração, coordenação motora e controle dos impulsos (MOTA, 2014; ROCHA *et al.* 2020).

O metilfenidato está entre as substâncias psicoativas mais utilizadas para fins terapêuticos, sendo sua indicação de uso associada ao tratamento de TDAH e Narcolepsia com dispensação sujeita a notificação da receita “A”, conforme Portaria 344/984 (PEREIRA FILHO *et al.* 2020).

Além do metilfenidato, outros estimulantes são utilizados no meio acadêmico com a finalidade de aumentar o estado de alerta e a motivação, entre elas podemos destacar a cafeína popularmente consumida por meio de bebidas, a cocaína, que possui efeitos estimulantes no Sistema Nervoso Central (SNC) semelhante às anfetaminas, tendo alta capacidade de manter o indivíduo acordado por grandes períodos, além do tabaco, encontrado nos cigarros (MORGAN *et al.* 2017).

A oferta de cocaína, diferente do metilfenidato, depende diretamente de traficantes, porém, mesmo com forte fiscalização de organizações responsáveis pelo combate ao tráfico, a disponibilidade para os usuários parece ser suficiente (OMS, 2004).

A cafeína é obtida facilmente através de líquidos como o café, bebidas energéticas ou em cápsulas na sua forma isolada, e se tornou o método mais comum de se obter horas de estudo intermitentes com prevenção temporária ou

alívio da sonolência, mantendo ou restaurando o estado de alerta (FERREIRA, QUEIROZ 2020).

Uso de metilfenidato por acadêmicos

O metilfenidato foi desenvolvido para atuar de forma eficaz contra a tríade sintomatológica clássica do TDAH, mas casos específicos de transtorno depressivo e fadiga - sobretudo em populações com idade avançada - também são beneficiados com o medicamento (CESAR *et al.* 2012).

Entre os universitários, ainda não há um consenso sobre a prevalência de TDAH, problema neuropsiquiátrico caracterizado por manifestações como a desatenção, a impulsividade e a hiperatividade (CESAR *et al.* 2012; DESIDÉRIO *et al.* 2007). A geração atual, na tentativa de se sentir mais confiante e ter mais disposição para dar conta das atribuições, busca constantemente por maneiras e artifícios para esse fim, destacando entre elas o uso de metilfenidato, o qual se tornou popular, mesmo com sua venda sem prescrição médica ser proibida.

Apesar de ser um medicamento de controle especial conforme determinado pela Portaria 344/984, sua aquisição para fins não terapêuticos geralmente é feita pela oferta de um amigo, ou ainda de forma ilegal pela venda de receitas em branco com carimbos por médicos conhecidos dos usuários, além disso, os próprios acadêmicos diagnosticados com TDAH fazem a venda/repasso do medicamento (OLIVEIRA *et al.* 2021). Tal acesso é facilitado ainda em decorrência do aumento do número de casos diagnosticados de TDAH (BASSOLS *et al.* 2008).

Além disso, o grande consumo não terapêutico do metilfenidato para melhoria cognitiva, na contemporaneidade, transforma a droga em um autêntico *gadget*, ou seja, um parceiro ao alcance das mãos, de consumo curto

e rápido e vendido com a promessa de modular desejos, elevar a autoestima e proporcionar a sensação de ganho de energia (BRANT *et al.* 2012).

A maioria dos usuários ignora os riscos de malefícios com o uso não prescrito do metilfenidato, e consideram a substância relativamente inofensiva e segura. Assim, reforça-se a grande preocupação atual em relação ao uso do fármaco em questão pelos universitários, sobretudo sem recomendação profissional, pois os danos à saúde podem ser maiores que os benefícios oferecidos pelo medicamento.

Efeitos adversos relacionados ao uso de metilfenidato

Quando prescrito de forma adequada e com acompanhamento médico, o uso do metilfenidato para o tratamento do TDAH se torna eficaz e benéfico frente aos sintomas da doença, além de não ser necessário aumento exagerado de doses, diminuindo possíveis efeitos adversos. Pereira Filho *et al.* (2020) relata, porém, que seu uso indiscriminado pode causar aos usuários problemas cardíacos, alucinações e a possibilidade do seu uso de forma abusiva.

Segundo Rosa *et al.* (2021) podem ser observados efeitos adversos com o uso de metilfenidato a curto e longo prazo como anorexia, irritabilidade e ansiedade, efeitos cardiovasculares e até mesmo dependência. E em casos de overdose podem ser observados alucinações e crises convulsivas, tontura e psicose.

Cabe ressaltar ainda que o uso de metilfenidato na ausência de alterações no SNC gera aumento do risco de dependência, tendo em vista a capacidade da droga de promover super excitação neuronal (BRANT; CARVALHO, 2012).

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi realizado através de uma revisão sistemática de literatura a partir da busca de artigos científicos, dando ênfase aos artigos que tratavam sobre o uso de metilfenidato por acadêmicos com objetivo de reunir estudos publicados. Para tal análise, durante os meses de maio e junho de 2022, foi realizada uma busca abrangente da literatura internacional e nacional nos bancos de dados on-line Pubmed/Medline, Google Acadêmico e Scielo. Foram incluídos artigos publicados nos anos de 2004 a 2022 nos idiomas inglês e português que estivessem apresentados na íntegra.

Para a coleta dos dados foi realizada busca com uso dos descritores metilfenidato, acadêmicos, medicalização e desempenho acadêmico e seus correspondentes em língua inglesa, aplicando critérios de exclusão e inclusão estabelecidos. Dos artigos previamente selecionados conforme critérios determinados, foram lidos, título, resumo e quando necessário a conclusão, para adequada seleção dos estudos compatíveis com a temática e objetivo da revisão sistemática.

Em um segundo momento, foi construído um banco de dados, caracterizando a fase de elegibilidade, no qual os artigos foram lidos integralmente, e no terceiro momento, caracterizado como de inclusão, as informações selecionadas foram lidas na íntegra passando por uma criteriosa análise, obtendo dessa forma os dados e resultados para a elaboração e desenvolvimento da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, foram encontrados 40 artigos, sendo excluídos os artigos repetidos ou que não abordavam o tema estabelecido. Ao fim, com a leitura integral incluíram-se 13 artigos que atenderam aos critérios determinados, conforme apresentado no Quadro 1 que relaciona os

trabalhos conforme autor, ano de publicação e objetivos propostos nas pesquisas.

Quadro 1 - Artigos selecionados

AUTOR	ANO	OBJETIVO
Amaral <i>et al.</i>	2022	Revisar a literatura sobre o uso de metilfenidato sem indicação médica entre estudantes de medicina
Bilitardo <i>et al.</i>	2017	Avaliar prevalência de estudantes que utilizam a medicação e efeitos colaterais do uso irregular em indivíduos não acometidos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).
Carneiro <i>et al.</i>	2013	Analisar a prevalência do uso não prescrito do metilfenidato entre os estudantes de Medicina.
Cesar <i>et al.</i>	2012	Estimar a prevalência do uso prescrito de metilfenidato e correlatos em uma amostra populacional de universitários brasileiros
Finger <i>et al.</i>	2013	Revisar os efeitos do aprimoramento cognitivo, memória e desempenho em estudantes de medicina.
Freese <i>et al.</i>	2012	Descrever, sob o ponto de vista teórico e contextual, o potencial de abuso do metilfenidato quando usado com fins não terapêuticos.
Morgan <i>et al.</i>	2017	Investigar o uso de substâncias estimulantes do sistema nervoso central pelos estudantes de graduação em Medicina da Universidade Federal do Rio Grande – Furg (RS)
Monteiro <i>et al.</i>	2017	Reúne dados sobre as motivações, expectativas, efeitos e prejuízos do uso não prescrito de metilfenidato por universitários.
Ortega <i>et al.</i>	2010	Apresentar uma pesquisa em andamento sobre as representações sociais da Ritalina no Brasil entre 1998 e 2008.

Pastura; Mattos	2004	Revisar os principais efeitos colaterais do metilfenidato, em curto e longo prazo, no tratamento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH).
Rocha <i>et al.</i>	2020	Investigar o uso deste medicamento por acadêmicos do curso de medicina de uma instituição privada em Goiás, do primeiro ao oitavo períodos.
Rodrigues <i>et al.</i>	2021	Investigar conhecimentos, motivações, percepções e perfil de uso não prescrito desse medicamento por estudantes de uma Universidade Federal de Minas Gerais
Silveira <i>et al.</i>	2014	Avaliar a prevalência do uso do metilfenidato entre estudantes do 5º e do 6º ano de uma faculdade de medicina, discriminar o uso com ou sem indicação médica e correlacionar o uso de metilfenidato com a ingestão de álcool.

Fonte: A partir de pesquisa desenvolvida pelos autores (2022).

O consumo de psicoestimulantes vem crescendo ao longo dos anos, conforme aponta levantamento feito pela ONU que relata aumento de mais de 1200% na produção mundial de metilfenidato de 1990 a 2006. No Brasil, seguindo a tendência, o uso vem crescendo, sendo apontado em 2000, o consumo nacional de 23 kg, e seis anos depois, o Brasil fabricava 226 kg de metilfenidato e importava outros 91 kg. Já em 2011 dados apontam a venda de 413 kg do produto (MONTEIRO *et al.* 2017).

Tal crescimento tornou-se motivo de interesse de pesquisas durante os últimos anos, as quais relatam aumento do uso do fármaco sem prescrição médica em diversos locais do Brasil. Carneiro *et al.* (2013) em sua pesquisa realizada em uma Universidade do Rio de Janeiro com estudantes de medicina, apontou que um percentual de 23,72% dos acadêmicos entrevistados, já utilizaram o metilfenidato

indiscriminadamente enquanto 2,56% o utilizavam sob prescrição médica.

Dados semelhantes foram encontrados por Cesar *et al.* (2012) com 12.294 universitários de todo o país entre 2009 e 2010 e dão conta que 0,9% dos mesmos fizeram uso de metilfenidato em algum momento da vida, e por Morgan *et al.* (2017) que pouco tempo depois, em sua pesquisa com 200 estudantes de graduação em Medicina do extremo sul do Brasil pontuou dados mostrando que 20% dos alunos entrevistados consumiram (pelo menos uma vez na vida) metilfenidato, e dentre estes 64% iniciaram o uso durante o curso de graduação.

Seguindo observações do grande uso do metilfenidato, Bilitardo *et al.* (2017) realizando um estudo quantitativo transversal com vestibulandos e graduando de medicina em uma universidade de Mogi das Cruzes observou que 13,3% dos entrevistados já fizeram uso do metilfenidato e dentre eles, 63% não utilizavam para o tratamento do TDAH.

Nesse aspecto, ressalta-se que no Brasil, houve um grande crescimento do uso do metilfenidato por pessoas saudáveis, com o objetivo de alcançar um melhor desempenho, tendo como principal público universitários de medicina. Além disso, pode-se constatar que boa parte dos usuários teve seu primeiro contato com o medicamento após o ingresso na faculdade.

Se tratando de gênero, Silveira *et al.* (2014) após analisar 116 questionários de estudantes de Medicina em uma universidade de Minas Gerais relatou que cerca de 59% dos usuários de metilfenidato estudados são mulheres, enquanto os 41% restantes são homens. Carneiro, Gomes e Borges (2021), entretanto, mostrou o contrário em sua pesquisa, na qual entre os graduandos de Medicina das Universidades investigadas existe uma tendência significativa do uso do metilfenidato pelo gênero masculino quando comparado ao feminino, o que vai de encontro ao estudo de Rodrigues *et al.*

(2021), que em seu estudo diz respeito aos fatores associados com o uso não prescrito entre acadêmicos de medicina, farmácia, enfermagem e bioquímica de uma universidade federal de Minas Gerais, aponta que houve uma maior frequência de estudantes do sexo masculino (9,2%), com idade maior que 21 anos (5,8%), que cursavam Bioquímica (7,4%) ou Medicina (8,1%), que trabalhavam (7,6%) e realizavam atividades extracurriculares (6,7%).

Estudos apontam que a diferença entre os gêneros, sendo na maioria das pesquisas analisadas o consumo de psicoestimulantes superior no sexo masculino, pode ser explicada pelo fato das mulheres apresentarem uma maior adesão ao uso de estimulantes considerados mais leves, como fitoterápicos, vitaminas, cafeína isolada e bebidas energéticas também a base de cafeína. Também é apontado o fato de que os homens estão mais sujeitos à pressão social e assim procuram melhoria mais rápida e prática de desempenho através do uso não prescrito de metilfenidato, uma vez que este poderia estar mais associado aos atributos da masculinidade contemporânea (AMARAL *et al.* 2022).

Ademais, durante esta revisão sistemática pôde-se observar também através do estudo de Morgan *et al.* (2017) em uma Universidade de Medicina do extremo sul do Brasil, que a prevalência de uso de substâncias estimulantes foi de 57,5% dos alunos que participaram da pesquisa, sendo que 51,3% destes começaram a usá-las após o início do curso, e além disso, vale destacar que 16,6% dos estudantes consumiam mais de uma substância psicoestimulante. As substâncias mais consumidas foram bebidas energéticas (38,0%) e cafeína mais de cinco vezes por semana (27,0%), o consumo de estimulantes foi maior entre os estudantes dos anos iniciais do curso.

Portanto, diante dos dados demonstrados que apontam extenso uso de estimulantes por estudantes universitários, torna-se importante

avaliar a maneira pelo qual os estudantes adquirem as substâncias. Há uma carência entre os artigos disponíveis, os poucos como Morgan *et al.* (2017), Amaral *et al.* (2022) e Rodrigues *et al.* (2021) relataram que geralmente o metilfenidato é adquirido com algum conhecido. Assim, Finger *et al.* (2013) pontua em seu estudo que aproximadamente um a cada cinco pacientes que fazem o uso do metilfenidato por prescrição médica, foi abordado pelo menos uma vez ao longo de um período de 5 anos e solicitado a venda, doação ou de alguma forma compartilhamento do medicamento.

Além disso, de acordo com um estudo na Universidade de Manizales, Fingeret *et al.* (2013) aponta que os motivos mais frequentes para consumir metilfenidato são, em ordem decrescente: prazer pessoal, pressão social, curiosidade, influência de amigos, para evitar fadiga e, finalmente, por motivos recreativos.

Estudos ainda apontam a existência do uso do metilfenidato associado ao estímulo do emagrecimento, e a associação a bebidas alcoólicas para fins recreativos. Os estudos levantados, mostram ainda o aumento no número de estudantes que recorrem ao metilfenidato não só para melhorar o rendimento acadêmico, como também, pela necessidade de realizar um grande número de tarefas no ambiente de trabalho, ganhando tempo e eficiência segundo relatos (AMARAL *et al.* 2022).

Na pesquisa de Rodrigues *et al.* (2021), outro achado importante durante a análise, são os efeitos indesejáveis pelo uso não prescrito de metilfenidato que foram declarados por 50% dos participantes. Os mais relatados foram ocorrência de taquicardia (33,3%) e ansiedade (13%). Estes efeitos colaterais necessitam de divulgação, pois podem colaborar para que haja mais precaução do uso indevido.

Dentre os efeitos colaterais, estudos apontam que podem surgir em curto prazo, prevalecendo a redução de apetite, insônia,

cefaleia e dor abdominal, sendo a maioria autolimitada, dose-dependente e de média intensidade. E em longo prazo, sendo descritas alterações discretas de pressão arterial e frequência cardíaca e discreta diminuição da estatura. Além disso, o abuso e a dependência do medicamento são observados muito raramente, porém, ressalta-se que devem ser estudados junto ao paciente sempre que possível, para evitar futuros danos (PASTURA; MATTOS, 2004).

Destaca-se também que entre os artigos selecionados, a maioria dos usuários considerou que o uso de estimulantes possui efeitos benéficos sobre funções mentais, mostrando que os estimulantes têm o potencial de melhorar o desempenho acadêmico, ao menos de forma subjetiva conforme apresentado por Silveira *et al.* (2014).

No entanto, Morgan *et al.* (2017) diz que o uso de estimulantes aumenta os níveis de estresse, o que pode reduzir a qualidade de vida dos estudantes, torná-los susceptíveis a doenças e ter repercussão na vida profissional e no cuidado com o paciente na prática clínica. Sendo assim, são necessárias políticas institucionais e públicas para reduzir o consumo indevido dessas substâncias nesse público específico para promover uma melhora da qualidade de vida dos estudantes e dos profissionais que estão em formação.

Em relação ao conhecimento dos usuários sobre o medicamento, percebeu-se através da pesquisa de Rocha *et al.* (2020), que a maioria das pessoas já ouviram falar do medicamento e cerca de um quinto (20%) dessas pessoas já fizeram o uso não prescrito. Entretanto, a proporção dos entrevistados que conheciam o mecanismo de ação desse fármaco não foi tão significativa, o que leva a uma observação de utilização não consciente por parte dos alunos entrevistados.

Tal situação pode ser analisada quando Freese *et al.* (2012) relata que o metilfenidato

pode começar como um agente terapêutico e se tornar uma droga de abuso e dependência se usado sem prescrição, em doses excessivas ou fora do ambiente clínico, por via intranasal ou administração intravenosa. Estas duas formas de administração podem produzir efeitos subjetivos de recompensa ou reforço semelhantes aos da cocaína, que também vem sendo utilizada de forma mais frequente no Brasil, levando o indivíduo a se sentir eufórico ou alto, como é dito em algumas regiões.

A estratégia de busca adotada também permitiu identificar, através dos escritos de Ortega *et al.* (2010), que embora o metilfenidato seja um dos estimulantes mais consumido no Brasil e no mundo, a maior parte dos dados e pesquisas sobre o metilfenidato se refere à realidade de outros países, especialmente os EUA. Entretanto, devido, ao crescimento na produção e no consumo no Brasil em tão pouco tempo, a compreensão sobre o uso do metilfenidato em território nacional se torna uma questão imprescindível para ações em saúde que envolvam tal medicamento.

Levando em consideração os dados analisados nos artigos selecionados, foi observado que os universitários representam a maior parte dos consumidores de metilfenidato sem prescrição médica, e os usuários consideram a droga importante estratégia para enfrentar as dificuldades encontradas durante o período acadêmico. Entretanto, cabe destaque que o uso sem recomendação ou acompanhamento profissional, pode causar danos à saúde maiores que os benefícios oferecidos pelo fármaco, fato ignorado por grande parte dos consumidores, que não se atentam aos diversos efeitos colaterais que podem ser causados. Sendo assim, é necessário incentivar pesquisas com objetivo de obter mais informação sobre o assunto, para que seja possível intervir no consumo pelos acadêmicos promovendo o uso racional e seguro de medicamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados revelam que um número significativo de universitários saudáveis, que recorrem ao uso do metilfenidato de forma indiscriminada buscando melhorar a capacidade de aprendizagem, evitar o cansaço e estresse mental e melhoria do rendimento acadêmico, desconhece os efeitos indesejáveis da droga. Embora não haja estudos que comprovem a eficácia do metilfenidato no melhoramento acadêmico dissociado de TDAH e nem mesmo quais os efeitos da sua utilização em longo prazo, seu uso indiscriminado continua crescendo. O consumo abusivo de medicamentos, e um controle mais rigoroso quanto à comercialização de medicamentos tarjados são pontos importantes a serem abordados dentro das universidades e devem ter pauta relevante no contexto das políticas públicas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, N.A. *et al.* Precisamos falar sobre uso de metilfenidato por estudantes de Medicina: revisão da literatura. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 2, p. 01-10, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/7HppcM7ctQFNf6v5tQVBbdp/?lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

BASSOLS, A.M.S. *et al.* A prevalência de estresse em uma amostra de estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Clinical and Biomedical Research**, v. 28, n. 3, p. 153-157, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/3063>. Acesso em: 04 jan. 2023.

BILITARDO, I.O.B. *et al.* Análise do uso de metilfenidato por vestibulandos e graduandos de Medicina em uma cidade do estado de São Paulo. **Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria**, ano. 7, n. 6, nov./dez. 2017. Disponível em:

https://abpbrasil.websiteseuro.com/rdp17/06/RDP_6_2017.pdf. Acesso em: 04 jan. 2023.

BRANT, L.C.; CARVALHO, T.R.F. Metilfenidato: medicamento gadget da contemporaneidade. **Revista Interface - Comunicação. Saúde, Educação**, v. 16, n. 42, p. 623-636, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/rHMChQ97YKsSs8JD3X8rVDt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

CAMARGO JÚNIOR, K.R. Medicalização, farmacologização e imperialismo sanitário. **Caderno Saúde Pública**, v. 29, n. 5, p. 844-846, maio 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/k8VGHm5MtMs9T9PYxRDwFLz/?lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

CARNEIRO, N.B.R.; GOMES, D.A.S.; BORGES, L.L. Perfil de uso de metilfenidato e correlatos entre estudantes de Medicina. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5419/3738>. Acesso em: 04 jan. 2023.

CARNEIRO, S.G. *et al.* O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de Medicina. **Cadernos UniFOA**, v. 8, n. 1, p. 53-59, 2013. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/87>.

CESAR, E.L.R. *et al.* Uso prescrito de cloridrato de metilfenidato e correlatos entre estudantes universitários brasileiros. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 39, n. 6, p. 183-188, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/v8dC6MgWHhrhgPzQzTVfDKw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

DESIDÉRIO, R.C.S.; MIYAZAKI, M.C.O.S. Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): orientações para a família. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 165-178, jan./jun. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/G4mGnPctSwHkLZgMn8hZs7b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

FERREIRA, C.C., QUEIROZ, C.R.A.A. Cafeína: uso como estimulante por estudantes universitários. **Revista Inova Ciência & Tecnologia**, v. 6, n. 2, p. 16-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.iftm.edu.br/index.php/inova/article/view/1002/475>. Acesso em: 04 jan. 2023.

FINGER, G. *et al.* Use of Methylphenidate Among Medical Students: A Systematic Review. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 59, n. 3, p. 285-289, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/w95Jz9cyyWDbV487rYDcT6r/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 04 jan. 2023.

FREESE, L. *et al.* Uso não terapêutico do metilfenidato: uma revisão. **Trends in Psychiatry and Psychotherapy**, v. 34, n. 2, p. 110-115, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trends/a/ss7PKnnjpXgS6NGTmc3JJXb/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 04 jan. 2023.

MONTEIRO, B.M.M. *et al.* Metilfenidato e melhoramento cognitivo em universitários: um estudo de revisão sistemática. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas**, v. 13, n. 4, p. 232-242, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/149469>. Acesso em: 04 jan. 2023.

MORGAN, H.L. *et al.* Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de Medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 1, p. 102-109, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/thtr6bKtgJ9X3PwNh7pB8jN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

MOTA, J.S. Prevalência do uso de metilfenidato por universitários de Campos dos Goytacazes,

- RJ. **Revista Vértices**, v. 16, n.1, jan./abr. p. 77-76, 2014. Disponível em: <https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20140005/3044>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- NASARIO, B.R.; MATOS, M.P.P. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de Medicina. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 42, p. 01-13, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/tyxSMDVHkzbbLwB97m6f7zK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- OLIVEIRA, L.G.M.S. *et al.* Uso de metilfenidato entre adolescentes e jovens adultos: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 28137-28147, nov./dez. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/41539>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Neurociências: consumo e dependência de substâncias psicoativas**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Neuroscience_P.pdf. Acesso em: 04 jan. 2023.
- ORTEGA, F. *et al.* A ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 34, p. 499-512, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/qWBjS8FvKTpkKfGQxtnnnxx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- PASTURA, G.; MATTOS, P. Efeitos Colaterais do Metilfenidato. **Revista Psiquiatria Clínica**, v. 31, n. 2; p. 100-104, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/sQDT8qkTXHYKngY5qM87z4F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- PEREIRA FILHO, J. *et al.* Medicação de alto risco: reflexão da ritalina. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 12, p. 01-08, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5125>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- ROCHA, D.B.M. *et al.* Metilfenidato: uso prescrito versus uso indiscriminado por acadêmicos de Medicina. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 30, p. 01-06, 2020. Disponível em: <http://www.rmmg.org/exportar-pdf/2742/e30119.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- RODRIGUES, L.A. *et al.* Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 29, n. 4. p. 463-473, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/XrqXKnTrzhLQRc887z6h39y/>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- ROSA, A.F. *et al.* O uso de metilfenidato (Ritalina®) por estudantes de Medicina de um centro universitário de Porto Velho. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. 2178-2091, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6846/4369>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- SILVEIRA, R.R. *et al.* Patterns of non-medical use of methylphenidate among 5th and 6th year students in a medical school in southern Brazil. **Trends in Psychiatry and Psychotherapy**, v. 36, n. 2, p. 101-106, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trends/a/mHzgBd8dZm3yzmHKFYcMPRt/?lang=en>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- Revista Científica FACS**, Governador Valadares, v. 29, n.2, ed. 29, p. 30-39, jul./dez. 2022.